

pecuária

▶ Pesquisador da Embrapa Rondônia faz o alerta alegando que animais podem criar resistência ao medicamento

Cautela no uso de anti-helmíntica

Tania Rauber
Da Redação

O uso indiscriminado de anti-helmínticos para tratamento de doenças gastrointestinais e pulmonares em ruminantes tem gerado resistência de alguns parasitas e, conseqüentemente, prejuízos nos rebanhos. Apesar deste tipo de medicamento ser a principal forma de controle das helmintoses nas regiões tropicais, onde está Mato Grosso, produtores devem ter cautela. O alerta é da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) de Rondônia.

O pesquisador Fábio Barbieri explica que a resistência ocorre por que o uso contínuo de um determinado princípio ativo acaba por selecionar, na população de parasitas alvo, indivíduos naturalmente resistentes que sobrevivem ao tratamento. Ao reproduzirem-se, eles geram descendentes naturalmente resistentes. Quando eles se tornam mais numerosos, o medicamento começa a perder a eficácia não atingindo a mortalidade esperada.

No Brasil, os primeiros relatos de resistência anti-helmíntica ocorreram na década de 60 em rebanhos ovinos. Nos anos 80 e 90 muitos outros foram reportados em rebanhos ovinos e caprinos. Contudo, casos em bovinos estão sendo detectados em muitos Estados brasileiros.

Barbieri alerta que a resistência não é diagnosticada com facilidade pelos pecuaristas. Ele reforça que a suspeita da existência do problema deve ocorrer quando notarem perda de eficácia após os tratamentos. A comprovação é feita com a contagem de ovos dos helmintos antes e após o tratamento, verificando a eficácia do vermífugo.

A resistência é constatada quando um determinado princípio ativo, que apresentava redução da carga parasitária acima de 95%, diminui para níveis inferiores a este valor depois de transcorrido o período de uso.

O que ocorre muitas vezes é que, ao perceber que os tratamentos não estão apresentando o resultado esperado, os produtores aumentam a dosagem ou o número de aplicações. Em outros, troca-se o produto levando em consideração somente o nome comercial, porém, o princípio ativo é o mesmo. "Essas circunstâncias tendem a piorar a situação porque aumentam a pressão de seleção sobre os parasitas e, ao mesmo tempo, aumenta a infecção nos animais, assim como o número de casos clínicos e a taxa de mortalidade dos mesmos".

As helmintoses gastrointestinais e pulmonares estão entre as doenças que geram grandes prejuízos aos produtores. As perdas econômicas ocorrem devido à baixa produtividade, ao retardo no desenvolvimento, custo dos tratamentos e, em casos de altas in-

festações, ao aumento das taxas de mortalidade.

Os principais efeitos das helmintoses, que levam ao baixo desenvolvimento dos animais, são a anorexia e a redução da ingestão de alimentos, assim como a perda de sangue e proteínas plasmáticas no trato gastrointestinal, alteração no metabolismo protéico, o decréscimo nos níveis de minerais e enzimas, a diarreia e desidratação.

Barbieri destaca que todos esses fatores contribuem para a diminuição da resistência para várias doenças, podendo causar, secundariamente, alta mortalidade de bezerras nos rebanhos.

Grande parte dos parasitas apresenta duas fases distintas no seu desenvolvimento. Uma delas de vida livre, na pastagem, onde os parasitas se desenvolvem até a fase de larva infectante. A segunda, denominada de parasitária, inicia-se com a ingestão das larvas infectantes presentes no ambiente e completa-se com a eliminação dos ovos do parasito nas fezes do hospedeiro que novamente irão contaminar o ambiente.

Temperatura, umidade, luminosidade, altura e densidade da vegetação são os principais fatores que influenciam o desenvolvimento desses parasitas. A elevada capacidade de se reproduzir, adaptabilidade e resistência a diversas condições climáticas fazem com que os endoparasitas tenham ampla distribuição geográfica e alta prevalência em todo país.



Chico Ferreira

Animais podem desenvolver resistência a anti-helmínticos em caso de uso contínuo do medicamento

Produto veterinário recebe certificação ambiental EPD

Da Assessoria

O mercado de produtos voltados à saúde animal está cada vez mais focado em oferecer soluções capazes de reduzir o impacto ambiental e que estejam alinhadas às tendências de bem estar animal. Como resultado do comprometimento da Pfizer Saúde Animal em priorizar o manejo sustentável, a companhia obteve a certificação Environmental Product Declaration - EPD (ISO 14025 Tipo III) concedida à Vivax - vacina para imunocastração que atua no sistema imunológico do suíno controlando as substâncias envolvidas no odor de macho inteiro. Esse é o primeiro produto veterinário voltado para saúde animal a obter a certificação mundial, expedida pelo Bureau Veritas Certification da Bélgica líder em serviços

de certificação com mais de 80 mil empresas acreditadas em 140 países.

"Receber essa certificação atesta claramente a eficácia de Vivax em atender as necessidades dos produtores de suínos. O produto auxilia no manejo sustentável, aliando bem estar animal ao aumento de produtividade", afirma Jorge Espanha, diretor geral da Pfizer Saúde Animal Brasil. A vacina dispensa a castração cirúrgica em suínos, o que traz uma série de benefícios ao rebanho, reduz o impacto ambiental e melhora substancialmente a produtividade. Ao compararmos a quantidade de CO2e produzida por um animal imunocastrado e um animal castrado cirurgicamente, de mesmo peso (111 kg), os animais imunocastrados diminuem em 3,7% a emissão de CO2e para cada kg de suíno produzido. Se considerarmos um animal de

111 kg, a imunocastração com a vacina proporciona, ao ano, uma redução de 23 kg na emissão de CO2e. Esse valor equivale à emissão de gás carbônico de um automóvel de passeio ao percorrer 100 km.

A certificação concedida por meio do selo EPD é resultado da análise do Ciclo de Vida do produto (Life Cycle Assessment LCA), incluindo a produção deste (dados dos fornecedores de matéria-prima, da fabricação, do transporte do produto para as granjas etc) e a criação dos suínos (dados sobre a gestação, o nascimento, o desenvolvimento, a ração utilizada, o abate do animal, a incineração dos resíduos, etc). Para obter a certificação, avaliou-se a produção da vacina nas plantas industriais e do uso em 19 granjas (Bélgica, China, Colômbia, Chile, Brasil e Austrália).

Como prevenir

Para evitar a contaminação, pecuaristas devem adotar medidas de manejo como limpeza periódica das instalações, uso de esterqueiras, rotação de pastagens, separação de animais por lotes (de acordo com a faixa etária), não introdução de animais no plantel sem exames coproparasitológicos e vermifugações, além de evitar-se superlotação nas pastagens.

Assim, destaca o pesquisador, pode-se esperar uma redução na frequência de tratamentos anti-helmínticos, minimizando o uso indiscriminado e obtendo-se produtos e subprodutos com melhor qualidade e mais seguros para o consumidor sob o ponto de vista alimentar.

Já para evitar o aparecimento da resistência, é recomendado adotar programas de controle estratégicos e integrados para a diminuição das vermifugações, sendo que nesses programas são levados em consideração informações sobre o comportamento da fase de vida livre e parasitária dos helmintos ao longo do ano, além de exames laboratoriais para uma estimativa do grau de infecção do rebanho. (TR)